

uma campanha publicitária e assim por diante. Mas o encarte sempre vem dentro de um outro recipiente ou suporte. Já o próprio nome diz que se trata de algo dependente. Podemos falar de suportes de suportes? É importante não considerar a *bula de remédio* como um encarte por vir situada no interior de uma embalagem. O encarte é um suporte de gêneros, mas muitas vezes ele pode conter apenas um gênero o que não autoriza a considerá-lo como gênero.

### **5.9. Folder**

Tudo indica que o folder pode ser tido como um suporte de gêneros diversos, embora haja quem o trate como gênero. O folder é um suporte que fixa gêneros tais como *campanhas publicitárias*, *campanhas governamentais*, *instruções de uso*, *currículos* e assim por diante. Existem *folders* com mais de um gênero.

### **5.10. Luminosos**

Os luminosos foram produzidos para veicularem textos e imagens. São estruturas comunicativas com as quais os usuários têm em geral um contato bastante fugaz e não tão sistemático. Na maioria dos casos ali figuram textos em movimento e gêneros ligados à publicidade de grandes empresas ou campanhas governamentais. É comum haver avisos em luminosos, em especial quando são postos em locais estratégicos no trânsito.

### **5.11. Faixas**

As faixas também são suportes tradicionais e altamente convencionais. São lugares adequados para conter textos para serem vistos de longas distâncias. Também servem para decorar as mesas de abertura de congressos ou festividades e nestes casos têm gêneros institucionalmente marcados. As faixas constituem uma espécie de suporte bastante comum para eventos festivos. Em geral, elas portam um gênero de cada vez. São inscrições, logomarcas ou então indicação de eventos. Há faixas comemorativas de aniversários de empresas, festividades e situações de grande público.

### **5.12. Livro eletrônico**

Hoje se fala em *e-livro (livro eletrônico)*. Claro que se trata de um suporte, mas com outras características que o livro em papel tal como visto acima. O certo é que o livro eletrônico é um suporte virtual, mas em

contraposição ao livro em papel não é diretamente acessível pelo usuário. Caso compremos um livro eletrônico no formato de um CD-rom, não podemos lê-lo diretamente como na compra de um livro em papel. Precisamos de um leitor de CD e um vídeo, ou um computador. É claro que o livro eletrônico pode ter, depois de aparecer na tela do vídeo, um formato em páginas com todas as características da escrita. Quanto a isso, não importa a realização, se eletrônica ou não, a nossa escrita será sempre uma composição de letras, palavras, frases etc, da esquerda para a direita e de cima para baixo se for a nossa forma de escrever ou então em outra ordem se for a escrita japonesa ou a árabe. Mas estes detalhes também são os mesmos para o árabe e o japonês no formato do livro em papel. De resto, o livro eletrônico é um suporte em tudo similar ao livro em papel com a possibilidade de ter som, imagens, movimentos etc.

Como se nota, esta relação tem a finalidade de sugerir uma distinção entre alguns suportes pela natureza dos gêneros que portam ou até mesmo pela natureza da interferência nos gêneros que fixam e suportam. Existem ainda três entidades que podem ser *suportes ou meios* (um ou outro, ou ambos) a depender de como se observe o seu funcionamento. São eles:

#### (a) **Rádio**

Não obstante ter dito no início que não me reportaria aos gêneros orais de maneira sistemática, lembro o rádio como possível suporte pela sua relevância e por ter sido desenhado para este fim. O rádio também pode ser considerado um suporte na medida em que se toma como um lugar de fixação e não apenas como a rádio emissora ou tecnologia que são meios, canais e serviços. Conta com uma multiplicidade de gêneros. Mas como ele conta com a transmissão sonora sem o recurso visual, certamente terá uma interferência diversa da **televisão**. As notícias na TV, no rádio e no jornal não têm o mesmo tipo de tratamento em relação ao discurso relatado ou reportado. Por exemplo, as notícias têm pouco discurso direto (citações de fala) no rádio e na TV, ao passo que isso ocorre mais no jornal e na revista.

#### (b) **Televisão**

A televisão acha-se no mesmo enquadre que o rádio, mas com a diferença de que aqui temos a imagem e não só o som. Além disso, poderíamos pensar em meios ou sistemas de transporte diversos na TV, já que ela pode servir-se de outros suportes e até de eventos complexos, pois na TV podemos ter a transmissão de *teatro*, *cinema*, *congresso* e assim por diante. E não sabemos ainda como tratar o caso do **cinema** e do **teatro**. Estes

não são propriamente suportes e sim ambientes ou até instituições. Já a *peça de teatro* e o *filme* em si são gêneros.

### (c) **Telefone**

Tal como no caso do rádio, temos aqui um possível suporte para gêneros orais. O telefone está no mesmo plano que os anteriores e é um suporte quando não se pensa apenas na tecnologia. Classifico como um *suporte-meio*. Nele se dão muitos gêneros, mas haveria que discutir se distinguimos entre o *telefone* enquanto um aparelho e a *telefonía* como uma técnica e um canal ou veículo de comunicação. Assim, a telefonía permite a realização de gêneros que o telefone não permitiria. Não me parece clara a distinção que se faz entre ambos e isso deveria ser melhor pensado.

## **6. Alguns suportes incidentais**

Tal como lembrado acima, os suportes aqui denominados *incidentais* são apenas meios casuais que emergem em situações especiais ou até mesmo corriqueiras, mas não são convencionais, como os apontados no item anterior. Ninguém nega que uma porta de banheiro porta textos, mas isto não é comum em todos os banheiros, como não é comum todos terem seus corpos com inscrições ou que as calçadas, as paredes e os muros em geral estejam cheios de inscrições. Em cidades ou locais de maior cuidado, evitam-se inscrições nestes lugares, o que indica que não são suportes convencionais para textos escritos. Tudo isso me faz crer que de modo mais sistemático se devesse falar de suporte em sentido estrito para os do grupo acima e não do grupo aqui apresentado. Contudo, como é inegável que boa parte dos textos hoje em circulação pelos ambientes urbanos se acham nesses *suportes incidentais*, tratamos deles aqui, já que não devem ser ignorados.

### **6.1. Embalagem**

Este é um caso interessante, pois no geral a embalagem não seria tida como um suporte. Contudo, tomamos a embalagem como um suporte na medida em que nas embalagens podem estar vários gêneros. Embalagens de produtos comestíveis muitas vezes trazem não só o *rótulo* do produto, mas uma *receita*. Hoje em dia o rótulo de produtos comestíveis tem a composição química e as calorias do alimento, entre outras informações. Ou então no caso de remédios pode haver uma breve *bula de remédio*. Quanto a este último aspecto, pode-se indagar se as indicações a respeito do remédio, por exemplo, que estão no rótulo, são algo diverso da bula que vem dentro da

caixa de remédio. Se indagarmos de vários especialistas, eles dirão que a bula é diferente do que aquilo que vem na embalagem. Mas se observarmos as instruções que aparecem na embalagem, elas se parecem uma bula. Veja-se o caso típico de rótulos de vinhos que trazem o código de barras, endereço, descrição do produto, alerta etc. O rótulo é um gênero e a embalagem é um suporte em que podem estar vários gêneros. Já a bula que vem dentro de uma embalagem de remédio não tem na embalagem o seu suporte, pois aqui a embalagem estaria para a bula como uma espécie de *recipiente*.

## 6.2. Pára-choques e pára-lamas de caminhão

Não parece haver dúvidas de que este seja um suporte de gêneros muito especiais, tais como *frases* e *provérbios*. Certamente o caminhão é um veículo em vários sentidos, pois ele transporta tanto o pára-choque como o texto. Mas não é só o pára-choque do caminhão e sim também de automóveis e demais veículos como ônibus etc. que servem, para esta finalidade. Esta é uma família de suportes ligados a um meio de transporte. Talvez devêssemos pôr aqui também as janelas traseiras de ônibus urbanos (hoje chamadas de *outbus* no rastro etimológico de *outdoor*).

## 6.3. Roupas

Embora me decida pelas roupas como suportes, não parece muito claro se devemos tomá-las como tal, por exemplo, uma *camiseta*. Ela parece ser um suporte de gêneros, já que hoje em dia porta textos dos mais variados gêneros, como *poemas*, *provérbios* etc. Mas a camiseta não traz de maneira sistemática textos e talvez devêssemos restringir este aspecto. Além disso, se consideramos a *camiseta de clube de futebol* temos aqui uma estrutura fixa com o nome do jogador nas costas, o emblema do time na frente e opcionalmente uma publicidade. Parece que a *camiseta de time de futebol* se tornou um gênero. Já uma *camiseta de jogador da seleção nacional* não tem publicidade e vem padronizada. Estes dois tipos de camisetas são gêneros e não suportes. Outras roupas (casacos, gravatas, calças, vestidos, meias, roupas íntimas) tem inscrições variadas, mas em escala mais reduzida que as camisetas.

## 6.4. Corpo humano

O corpo humano vem cada vez mais recebendo textos em geral muito curtos e na forma de tatuagens ou de slogans para protestos em situações especiais. Nem por isso o corpo humano passa a ser um suporte

convencional. Ele continuará sendo um suporte incidental que vai variar de acordo com as culturas. Nas culturas indígenas, os corpos são muitas vezes os “suportes semióticos” mais convencionais em situações de festas ou cerimônias especiais. Mas isto pela circunstância de não terem outros suportes específicos nem disporem da escrita convencional em alguma de suas formas. Ali entram desenhos e símbolos religiosos ou guerreiros para efeitos especiais.

### **6.5. Paredes**

Todo tipo de parede está aqui incluído. Podem ser paredes de casas, edifícios, corredores ou mesmo de interiores, como universidades, escolas etc. Esses suportes operam muitas vezes em um contínuo como no caso de um quadro de avisos que é o suporte de gêneros. Como já vimos parece ser possível criar até mesmo uma terceira categoria que seria o *suporte-de-suportes*, mas creio que a proliferação categorial não é boa e a “*navalha de Ockham*” ainda tem sua serventia.

### **7.6. Muros**

Hoje em dia parece que os muros estão se tornando suportes convencionais para alguns gêneros textuais tais como as propagandas políticas, particularmente em épocas de eleições políticas. Eles sevem para inscrições, propagandas, publicidades e pichações em geral. São textos pouco desenvolvidos, mas de grande eficácia comunicativa. Mesmo que os muros sejam usados como suportes em grande escala, eles não são convencionados para esta finalidade como as revistas, os jornais e os livros.

### **6.7. Paradas de ônibus**

Imagino que as paradas de ônibus estão sendo tomadas como bons locais para afixar ou mesmo inscrever textos pela sua condição estratégica como ambiente favorável à comunicação em grande escala. São locais muito visíveis e quando há alguma parede ou um muro, comportam vários gêneros. Eles são para o grande público. Ali encontramos campanhas ou publicidades de apelo geral como carros, apartamentos, produtos de beleza e outros deste tipo, mas não de supermercados nem de produtos perecíveis.

## 6.8. Estações de metrô

Embora as estações de metrô sejam do mesmo estilo que a *parada de ônibus*, são sempre maiores e com mais possibilidade de gêneros. Tem algo de similar com paredes e muros quanto aos gêneros que comportam, mas há ainda quadros de avisos e cartazes ou outros suportes que estão nelas afixados, o que lhes dá um caráter diferenciado nem sempre ligado à idéia de suporte de gêneros e sim de suporte-de-suportes.

## 6.9. Calçadas

Hoje as calçadas passaram a ser locais para inscrições, tal como se institui a *calçada da fama*, em que pessoas famosas põem a impressão de seus pés e a inscrição de seus nomes. Esse suporte em geral porta textos curtos e permanentes, tais como sinais de trânsito voltados aos pedestres, assim como as ruas portam textos voltados aos motoristas.

## 6.10. Fachadas

As fachadas de prédios, em geral de grandes extensões, são similares a paredes, mas ficam de frente para grandes locais de circulação pública e portam inscrições maiores com gêneros de curta extensão. Na maioria das vezes são logomarcas ou os nomes de empresas, marcas de grandes produtos.

## 6.11. Janelas de ônibus (meios de transporte em geral)

De alguns tempos para cá, as janelas de ônibus, em especial a parte traseira, tornaram-se um suporte de publicidades e campanhas governamentais. Mas isto não é comum e não tem regularidade. Trata-se de um suporte muito incidental.

A listagem de suportes incidentais seria imensa se fôssemos enumerar todos os suportes que eventualmente contém algum texto. Por isso, fica aqui apenas a sugestão de observação e o critério básico para sua classificação nesta categoria. Trata-se de locais eventuais e não convencionais para a atividade comunicativa. Basta analisar com as categorias iniciais propostas para esta análise e veremos que a variedade é imensa.

## 7. Serviços em função da atividade comunicativa

Os casos abaixo não podem ser situados entre os suportes textuais, sejam os incidentais ou os convencionais. A tendência é vê-los como **serviços**, daí a decisão em tratá-los como casos específicos separados dos suportes. Aparecem aqui porque em muitos casos são listados como suportes, em particular o caso já citado da *mala direta*.

### 7.1. Correios

Os correios são um meio de transporte ou um serviço. É muito diferente do que o caso da revista e do jornal. Quanto a isso seria interessante discutir se o telefone e os correios formam um conjunto de suporte-meio diversos da televisão e do rádio.

### 7.2. {Programa de} E-mail

Aqui está um caso curioso, pois se tomarmos o programa “*outlook*”, por exemplo, teremos sem dúvida um suporte do tipo “*correio eletrônico*”, mas se tomarmos os e-mails enquanto correlatos das cartas pessoais, teremos um *gênero*. Neste caso, trato a palavra **e-mail** como se fosse uma **homonímia**, ou seja, um termo com duas acepções tanto de origem como de função. Contudo, o e-mail na função de correio eletrônico é nitidamente um serviço que transporta os mais variados gêneros, tais como propagandas, ofícios, bilhetes, e-mails, cartas comerciais, relatórios, artigos científicos e assim por diante. Não obstante isso, hoje a idéia mais comum em relação aos e-mails é que sejam vistos como um gênero da área epistolar, assim como observou Juliana de Assis (2002).

### 7.3. Mala direta

A mala direta se assemelha a um *serviço* e deveria ser tratada como tal. No geral, a mala direta veicula gêneros diversos do domínio discursivo da publicidade até a comunicação entre empresas e remessa de documentos a clientes de empresas. Sua especificidade, segundo mostra T'pavora (2003) é se constituir de *cartas de promoção de vendas*. Mas isto não parece suficiente para se dizer que se trata de um gênero ou *sub-gênero* (v. Bhatia, 1993) de cartas. A expressão ‘*mala direta*’, quando empregada pelos Correios, é apenas uma designação para um *serviço*, mas enquanto empregada por uma empresa pode ser até mesmo a designação de um gênero, como o caso de uma *carta de aniversário* que é bem pessoal e não promove

produto algum nem é remetida em massa. O caso merece um estudo à parte pela complexidade. Há malas diretas para pessoas (uma *carta de aniversário* que o gerente do banco manda no seu aniversário); há malas diretas para 10.000 pessoas (as cartas que recebemos de um candidato a deputado); há malas diretas com publicidades de empresas (as promoções de uma loja) e assim por diante. Mas há casos muito mais complexos do que estes sendo chamados de mala direta.

#### 7.4. Internet

Trata-se de mais um caso limite. Pessoalmente, trato a Internet como um *serviço* que tem também características de *suporte* em alguns momentos já que porta e veicula gêneros dos mais diversos formatos. A Internet contém todos os gêneros possíveis. Parece um grande continente e neste caso estaria entre a categoria de biblioteca e livreria.

#### 7.5. Homepage e portal

Para alguns autores a *homepage* e até mesmo o *portal* é um gênero, mas para outros é um suporte. Pessoalmente imagino que se trate de um serviço no caso dos portais de servidores, mas já não teria tanta certeza no caso de *homepages pessoais*. De um modo geral a *homepage* é um suporte e não um gênero. Parece claro que a *homepage* institucional carrega uma série de gêneros. Basta observar a *homepage* (ou seria um portal?) de qualquer universidade para ver a diversidade de ações ali dentro. Entre outras coisas está ali a possibilidade da matrícula de alunos *on-line*. Se tomarmos um portal de algum servidor da Internet como a UOL, vemos que se trata de um *serviço*, já que ali estão revistas, jornais e livros. Além de salas de bate-papo, shoppings virtuais e assim por diante.

### 8. Formato do suporte e natureza do gênero textual

Duas questões surgem aqui: (a) há alguma relação direta entre o formato específico do suporte e a natureza do gênero que ele fixa? e (b) qual a influência que o suporte pode exercer sobre o gênero? Num certo sentido, as duas indagações se imbricam a ponto de se tornarem uma só. Isto por que se um gênero tem preferência por algum suporte, este suporte será o preferido para a realização daquele gênero, o que equivale a esta questão básica: **o suporte interfere no gênero?** Qual a nossa relação com os suportes dos gêneros e como lidamos com eles?

Parece importante observar o suporte na relação com dois aspectos: (a) funções do gênero e (b) formato textual do gênero. Assim, no caso de (a) indaga-se a respeito de possíveis interferências do suporte na *função*. Já em (b) indaga-se até que ponto o formato do suporte tem influências diretas sobre algum dos *processos de textualização* tendo em vista sua interferência no processo de recepção. Por exemplo, o fato de um determinado gênero como uma publicidade aparecer num *outdoor* ou numa revista semanal ou numa revista mensal não é indiferente. Uma publicidade numa revista masculina como a *Playboy*, ou feminina como *Vogue*, ou na revista de bordo da VARIG, *Ícaro*, ou então em revistas de divulgação semanal como *Veja*, *Istoé* ou num jornal como o *Diário de Pernambuco*, vai ter características diversas sob o ponto de vista da textualização. Por outro lado, considerando (a) pode-se pensar se um *poema* num *livro didático*, em um *jornal* ou num *livro de poemas*, enquanto suportes diversos, será a mesma coisa. A solução não é simples.

Caso interessante é a questão do *editorial* que vai variar muito em seu conteúdo e natureza interna, inclusive estrutural, se for um *editorial de revista semanal*, tal como a revista *Veja*, por exemplo, ou um *editorial de jornal diário* como no caso da *Folha de São Paulo*. Sabemos que no jornal o editorial traz a posição do jornal sobre um tema candente no dia. Mas na revista o editorial é uma visão geral dos temas da semana com uma espécie de motivação para sua leitura. E se formos observar o editorial de uma a revista masculina ou de revistas científicas, cada vez vai ser outra coisa, ou seja, o suporte vai interferir. Será que temos sempre um **editorial** ou já temos cada vez outro gênero?

Voltemos ao caso do livro didático por parecer mais complexo. E neste caso comecemos com o **Livro de Língua Portuguesa**, que é um caso mais simples do que o **Livro de Geografia**, por exemplo. Os gêneros de texto que aparecem no *livro didático de Português* mantém ou não a mesma função original? Sabemos que há quem trate o livro didático como gênero, mas aqui o *livro didático* será decididamente visto como um suporte com os argumentos apresentados acima. Seguramente, o *livro didático* é um suporte bem diverso do que uma revista semanal. Não só os destinatários e os objetivos do livro didático e da revista semanal são diversos, mas também as esferas de atividade discursiva são outras. Contudo, um dos elementos centrais para esta distinção é a idéia de que o livro didático tem *interesses e objetivos* específicos na escolha de certos gêneros (busca gêneros adequados a certos objetivos do ensino, visa a uma variação ampla, contempla os mais frequentes, exemplifica peculiaridades estruturais e funcionais), o que não atinge a estrutura dos gêneros, mas sua *funcionalidade imediata* no que tange ao *interesse* e não à *função*.

Mesmo uma propaganda continua propaganda no livro didático, mas ali ela não serve mais aos propósitos originais e agora opera como exemplo para produzir tais objetivos. Será que se poderia dizer que isto a torna um gênero diferente? Creio que se poderia postular aqui a sugestão de uma **reversibilidade de função** para o caso dos textos do livro didático. Não se trata de uma **reversibilidade de forma**, já que esta fica intacta. Mas isto não equivale a uma *transmutação* do gênero na acepção de Bakhtin (1979), mas a uma reunião de texto num determinado local (suporte). Por isso, o livro didático é um suporte e os gêneros que ali figuram mantêm suas funções básicas e originais, embora não de forma direta, já que assumem o propósito de operarem **naquele contexto** como exemplos para produção e compreensão textual daquilo que aqueles gêneros fazem em seus *habitats* originais.

Tome-se o caso do *testamento* de algum Imperador que se acha exposto num museu. Ele continua sendo um testamento ou agora é apenas um documento histórico sem a função de *testamento*? O museu não é um suporte, mas uma instituição que opera como um grande continente. Seguramente, os textos que circulam ali recebem neste momento outra funcionalidade (*reversão de funções*), mas não deixam de ter suas características formais de gênero preservadas.

Essas questões não foram ainda tratadas em detalhe nem analisadas em suas repercussões sobre os processos de textualização ou sobre elementos constitutivos dos textos como as seleções lexicais e outros. Embora não tenha autonomia, o suporte tem relevância na constituição de alguns aspectos daquilo que suporta. Em muitos casos, o suporte é uma espécie de base que sugere contextos muito específicos que podem trazer algum tipo de influência. Assim, se um texto sai num *jornal* ou em um *livro* ou se está afixado em um *quadro de avisos* numa parede, isto vai ter diferentes formas de recepção. A seguir farei algumas reflexões sobre uma possível interferência do suporte no sentido, mas a idéia central é que isso parece mais difícil, embora alguns efeitos possam mudar de acordo com o suporte.

Assim, uma *listagem de nomes* num quadro de avisos gerais ou numa placa comemorativa ou numa caderneta de alunos é algo bem diverso e aparece como um determinado gênero. Por exemplo, no quadro de avisos pode ser a *listagem de notas de uma disciplina*, na placa comemorativa pode ser a *relação de formandos do ano* ou então a *relação dos premiados* e assim por diante. Neste caso, tanto o **quadro de avisos** como a **placa comemorativa** servem como suportes, embora a placa comemorativa tenda a se tornar um gênero pela sua monofuncionalidade.

## 9. Suporte textual e formas de leitura

Em estimulantes observações a respeito do hipertexto, Sírío Possenti (2002:208), reporta-se ao problema da relação entre o suporte dos gêneros textuais e a leitura, dizendo:

*“Quando ouvi falar dos trabalhos de Chartier pela primeira vez, o que ouvi foi que ele teria tentado mostrar que a leitura que se faz dos textos é afetada pelo suporte. Ou seja, que não se lê da mesma maneira um rolo de papiro e um livro com a confirmação mais ou menos conhecida de todos.”*

Intrigado com estas bizarras sugestões, Possenti não conseguia ver algum “poder” emanando do suporte que pudesse afetar a leitura. O simples fato de um texto estar num papiro único, num livro impresso em milhares de exemplares, na tela do computador rolando verticalmente não poderia afetar a leitura. Desconfiando dessa ingênua posição, Possenti foi ao Chartier (1994, 1997) para ver o que o autor dizia e não seus solertes intérpretes. Segundo Possenti (2002:209), Chartier de fato acredita que se lê de forma diversa o mesmo texto quando está em suportes diversos, não no sentido de se **compreender** diferentemente o texto e sim no sentido de se manter com ele uma **relação diferente**, ou seja, há uma relação diferente ao se ler um *edital de concurso* num *jornal* ou num *outdoor*, pois no jornal eu posso fazer anotações, sublinhar etc., interferindo no texto, mas no *outdoor* isto já não é possível (pelo menos em circunstâncias normais).

Isto quer dizer que nós não operamos do mesmo modo com os textos em suportes diversos, mas isso não significa ainda que os suportes veiculem conteúdos diversos para os mesmos textos. O suporte não muda o conteúdo, mas nossa relação com ele, não só por permitir anotações, mas por manter um contato diferenciado com ele.

A questão é interessante e já foi abordada acima em outros termos quando nos indagávamos se a leitura de uma *publicidade* num livro didático e num jornal tinha o mesmo objetivo e a mesma significação. Possenti (2002:209) também julga que uma *crônica* lida num jornal diário e a mesma crônica lida numa coletânea de crônicas do autor em um livro de crônicas pode ser vista de modo diverso.

Aspecto merecedor de mais reflexão é também o que diz respeito ao suporte numa dada situação e configuração. Neste caso, a mesma notícia publicada num jornal do interior de Pernambuco e no *New York Times*, certamente terá outra repercussão e será lida de modo diverso. Não que tenha conteúdo diferente e sim terá um *efeito* diferente no leitor. Isto tem a ver com

o suporte ou com o *status* **daquele** suporte particular? A questão não é mais o suporte neste caso, e sim do *status* do veículo.

## 10. Olhando para o futuro

Embora aqui estejam algumas análises até certo ponto sensatas, tudo isto merece uma revisão cuidadosa e indubitavelmente séria com análises mais profundas e exemplos mais específicos. Além disso, deve-se fazer um uso mais sistemático do aparato metodológico sugerido no início com a bateria de categorias construídas para a análise. Mas fique claro que a questão do suporte, para ser resolvida a contento, deve ser precedida da solução de uma série de outros problemas relativos aos gêneros textuais. Também tenha-se em mente que refletir sobre o problema do suporte é refletir sobre o problema da circulação social do texto verbal em nossa sociedade. A complexidade dos suportes revela a complexidade social em que os próprios textos circulam. E este tema é um caso típico para estudos de natureza etnometodológica.

Esse aspecto levanta uma questão que ficou apenas lembrada no início desta abordagem. Onde ficam e como ficam os suportes dos gêneros orais? Temos o teatro, o cinema, o rádio, a televisão, o telefone, todos lembrados aqui, mas sem uma especificação da realização. São suportes, canais, instituições, ambientes? Talvez não valha a pena fazer uma distinção rigorosa em todos os casos, mas sim discutir a questão do suporte de uma maneira geral e depois disso ver como os demais problemas se põem.

Nem sempre a decisão a respeito da identificação de um **suporte**, um **gênero**, um **serviço**, um **evento** e um **canal** é clara. As fronteiras dependem da perspectiva da observação e do modo como encaramos os fenômenos. Esta discussão deveria ser conduzida com metodologias e critérios claros. Há casos em que não se sabe ao certo como tratar um determinado fenômeno, por exemplo, o *folder* que pode ser ao mesmo tempo um suporte para gêneros como *volante*, *resumo*, *esquema* etc., mas já foi tratado como gênero.

Há ainda casos muito complexos, tais como o *teatro* e o *cinema* que seguramente não são suportes. Por outro lado, as *mesas-redondas* e os *simpósios* são eventos, mas poderiam ser suportes de gêneros orais, já que os suportes de gêneros orais parecem ser eventos. Nestes casos já começamos a entrar em certos pontos que se imbricam com domínios discursivos e com instituições, tais como o *quartel*, a *escola*, a *igreja* vistos na qualidade de instituições em que se configuram domínios discursivos.

Aspecto já levantado aqui, mas não claramente desenvolvido, é o que diz respeito ao problema dos gêneros em suportes (convencionais e incidentais) em locais públicos em áreas abertas. Esses suportes comportam gêneros bastante marcados, em geral de apelo publicitário ou de divulgação ampla. Esses suportes em ambientes públicos abrigam um número limitado de gêneros. Na maioria dos casos são gêneros de vida efêmera naquele suporte. A impressão é que pelo fato de ser um ambiente amplo e aberto, os gêneros ali presentes têm vida sazonal. Seja pela moda, pela política ou algo assim. Entre esses suportes estão: (a) **Outdoors**; (b) **Paredes**; (c) **Muros**; (d) **Paradas de ônibus**; (e) **Estações de metrô**; (f) **Calçadas**; (g) **Fachadas**; (g) **Luminosos**; (h) **Faixas**; (i) **Janelas de ônibus**; (j) **Placas públicas**.

As observações feitas neste item revelam que uma cidade pode ser um ambiente textual de muitos e variados suportes. Na realidade, somos cada vez mais uma sociedade textualizada. E nos locais públicos multiplicam-se os usos da escrita. Eis aí um tema relevante que nos remete ao uso real da escrita na sociedade como prática social. É fascinante observar que o público tem em geral seu maior contato com o mundo da escrita precisamente em suportes não convencionais. Talvez aqui se abra uma nova visão que poderia inverter a idéia de convenção e incidentalidade.

## REFERÊNCIAS

- ASSIS, Juliana Alves. 2002. *Explicitude/Implicitude no E-mail e na Mensagem em Secretária Eletrônica: contribuições para o estudo das relações oralidade/escrita*. Tese de Doutorado, Faculdade de Letras, UFMG, Belo Horizonte, manuscrita.
- BAKHTIN, Mikhail. [1979]. 1992. Os gêneros do discurso. In BAKHTIN, M. *Estética da Criação Verbal*. São Paulo, Martins Fontes, pp. 277-326.
- BEAUGRANDE, Robert de. 1997. *New Foundations for a Science of Text and discourse: Cognition, Communication, and the Freedom of Access to knowledge and Society*. Norwood, Ablex.
- CHARTIER, Roger. 1994. *A ordem dos livros*. Brasília, Editora da UNB.
- CHARTIER, Roger. 1997. *A aventura do livro do leitor ao navegador*. São Paulo, Editora da UNESP.
- DUBOIS, Jean et alii. 1973. *Dicionário de Lingüística*. São Paulo, Cultrix.

- HOUAISS, Antônio. 2002. *Dicionário Houaiss*. (versão eletrônica)
- HYMES, Dell, 1972. Models of the Interaction of language and Social Life. In: GUMPERZ, J. J e D. HYMES (eds.) *Directions in Sociolinguistics. The Ethnography of Communication*. New York, Holt, Rinehart and Winston, pp. 35-71
- LEVINSON, Stephen. 1979. Activity-types and language. *Linguistics*, 17:365-399.
- MILLER, C. R. 1984/1994. Genre as social action. In: A. FREEDMAN e P. MEDWAY (eds.), pp.23-42. (Texto original é de 1984).
- MONDADA, Lorenza. 1994. *Verbalisation de L'Espace et Fabrication du Savoir: Approche linguistique de la construction des objets de discours*. Lausanne, Université de Lausanne.
- Novo Aurélio. Século XXI. 2002. São Paulo, Editora nova Fronteira.
- POSSENTI, Sírio. 2002. *Os Limites do Discurso*. Curitiba, Criar Edições.
- SWALES, John M. 1990. *Genre Analysis. English in academic and research settings*. Cambridge, Cambridge University Press.
- SWALES, John M. 1992. Re-thinking genre: another look at discourse community effects. Paper no *Rethinking Genre Colloquium*. Carleton University, Ottawa (abril 1992). (mimeo, 21pp)
- TÁVORA, Antônio Duarte Fernandes. 2002. *Forma, Função e propósito na Constituição do Gênero Textual Mala Direta*. Dissertação de Mestrado, Pós-Graduação em Linguística da UFC, Fortaleza, mimeo.
- XINRAN. 2003. *As boas Mulheres da China*. São Paulo, Companhia das Letras.